

A ESPERANÇA E A MORTE

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649018413

A esperança e a morte by Carlos Malheiro Dias

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

www.triestepublishing.com

CARLOS MALHEIRO DIAS

**A ESPERANÇA E
A MORTE**

CARLOS MALHEIRO DIAS

Da Academia Brasileira de Letras
e da Academia de Ciências de Lisboa

A Esperança e a Morte

PER ORDINEM



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL—LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58-60, RUA GARRETT—RUA DO OURO, 112-118

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES



LIBRARY

AUG 22 2000

UNIVERSITY OF TORONTO

O supplicio da esperança

Pousando o jornal em que acabo de ler a notícia das primeiras propostas de paz da Alemanha, recordo-me do conto celebre de Villiers d'Isle Adam. Elle parece-me exprimir o estado de alma da Europa neste dramatico instante em que se propaga, de lar em lar, de trincheira em trincheira, a palavra *Paz*.

Aquelles que, perante a maior hora de anciadade que jámais viveu o mundo, se sentem capazes de combinar palavras com a cadencia rythmica do estylo, é que não comprehendem o bruxolear indeciso desta aurora da Aleluia, despontando sobre o cahos sangrento da guerra, quando ainda não expirou o terror pathetico da tenebrosa sexta-feira da paixão humana, que dura ha vinte e oito mezes.

A minha memoria relê o conto terrivel d'Isle Adam: o misero judeu enterrado vivo na cella

de pedra, com a visão dilacerante das torturas que o esperam e do auto de fé em que as suas carnes vão converter-se em torresmos, calcinadas pelas labaredas ardentes da fogueira. Mas, eis que, de repente, na treva do carcere, uma restea de luz, como um sorriso de esperança, deslisa. O desgraçado treme. É uma allucinação? Rasteja, estende a mão convulsa. A porta está entreaberta. Com um silêncio de verme, de rastros nas lages, aproxima-se mais, empurra a porta de ferró, como um morto que levantasse a tampa do sepulchro. A porta cede á pressão tímida da mão tremula. As lagrimas descem-lhe pelas faces. Latejam-lhe as fontes. Empurra-a mais, ainda mais. Os gonzos deixam escapar um grasnido de ferro, que ecoa aos ouvidos do prisioneiro como o bramido estri-dente de uma fera. Aterrada, a misera creatura humana recúa para o seu covil de pedra. Todo o esqueleto lhe treme no amago das carnes. Batem-lhe os dentes. Inunda-lhe a fronte um suor frio, como o que escorre das paredes salitrosas do carcere subterraneo. A porta continúa aberta. Foi, talvez, uma allucinação. Ninguém ouviu o bramido alarmante dos gonzos. O corredor, iluminado pela luz vermelha de uma tocha, está deserto. Não apparecem os carcereiros nem os verdugos. Nenhum rumor de sandalias nas lages, sob as abobadas sonoras. Ao fundo,

o clarão lacrimal da tocha deixa avistar os primeiros degrãos de pedra de uma escada de sepulchro. Ninguém! E outra vez a esperança sarcode e movimenta o verme humano. Eil-o de novo a caminho pelo corredor da catacumba, deslizando com a lentidão do panico. Ultrapassa o clarão denunciador da tocha, attinge o primeiro degrão da escada barbara. Espia. Ninguém. Sempre ninguém. O verme cria coragem, exhala um suspiro de allivio, sobe a escada mergulhada em uma treva propícia e emerge, lívido, offegante, em um novo corredor, mais amplo, illuminado pelo pingo de luz de outra tocha solitaria, cravada num espigão de ferro. E o verme levanta-se, readquire, fortalecido pela esperança, a postura vertical de um homem. Caminha encostado á parede, apalpando a pedra com as mãos; e, de repente, estaca, transido do pavor da sua desmedida alegria. É que lá ao longe, na parede de pedra, se desenha a voluta romanica de uma porta chapeada de bronze, encimada pelas insignias da Inquisição, e essa porta, como a do seu carcere, está entreaberta! Avança, tacteando as pedras, como um ebrio, alcança a porta, empurra-a... O céu de uma noite de verão, recamada de astros, surge ante os seus olhos attonitos. O desgraçado cae de joelhos, ergue as mãos para as luzes celestes das estrellas, com a face inundada

de lagrimas. Nesse instante, porém, quando supõe ter alcançado a liberdade, o vulto de um dominicano ergue-se diante d'elle, uma pesada mão, dura como uma algema de bronze, agarra-o pelo braço, e uma voz soturna lhe diz: — «Volta para o teu carcere»!

Como o judeu do conto tragico de Villiers d'Isle Adam, a Europa está soffrendo nesta hora pathetica o supplicio da esperança. São milhões de seres humanos, os martyrisados da guerra, que soffrem a crudelissima anciedade da expectativa. A Europa está de oratorio. O tempo parece suspenso. É como se o globo terrestre se houvesse immobilizado, transgredindo as leis da mechanica celeste. A immensa, a transbordante, mas silenciosa aspiração de paz que agita todas as almas, enfim desabafa num unisono formidavel de suspiros. O sussurro da esperança parece o rumorejo de um mar. As lagrimas correm dos olhos das mães. Os donos do mundo vão falar. Não perturbemos com o zunido das palavras inuteis a religiosa grandeza desta hora formidavel. Calemo-nos. Descubramo-nos.

Na Europa, como o judeu do conto de Villiers d'Isle Adam, milhões de mãos supplicantes se erguem. Atrás dessa esperança está postado o negro vulto implacavel, que fará recair as mãos anciadas e cuja voz inexoravel trovejará, como a do dominicano: — «Volla para a guerra»!

Savoir!

«L'humanité sortira de cette guerre de quelques années absolument identique à ce qu'elle était en la commençant; on reprendra les vieilles traditions, les vieilles croyances à des choses que l'on a dit fausses et au non desquelles on fait plus de mal que de bien.»

Felix le Dantec.

Já o livre pensador tinha sido enterrado com as cerimoniaes religiosas a que a familia christã submetteu a passividade do seu cadaver, quando foi posta á venda a ultima obra do professor da Faculdade de Sciencias da Universidade de Paris e que dignamente supporta o titulo suggestivo e exigente de *Savoir*.

O conceito pessimista, que escolho para thema das despretenhosas considerações que me inspirou a leitura da obra truculenta e sombria do pensador de *La Science de la Vie*, é como o alicerce sobre que se levanta e equilibra o pesado edificio da sua argumentação laborosa. Este livro, em que Dantec procurou